

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA CIDADE CONTADAS PELA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA

SIDNEY DE ARAUJO OLIVEIRA*
LYSIE REIS*

Introdução

Feira de Santana, importante cidade média, segunda maior do estado da Bahia, distante apenas 108 quilômetros da capital, Salvador e, de acordo com o senso do IBGE de 2010, possui 556.642 habitantes. Fundada como vila em 1932, as dimensões do município se deu em 1833 com o nome de Villa do Arraial de Feira de Sant'Anna quando, também, foi dado posse do seu corpo legislativo e executivo. Em 1873, a lei provincial n. 1.320 deu status de cidade passando a ser denominada de "Cidade Commercial de Feira de Santana". Debates em torno desse nome e a identificação com o mesmo fizeram com que os decretos estaduais 7.455 e 7.479, em 1932, alterassem o nome, simplificando-o para apenas Feira. Ainda sob muitas arguições sobre o nome da cidade, em 1938, o decreto nº 11.089 oficializou o nome da cidade como Feira de Santana.

Nesse percurso, quase bicentenário da cidade de Feira de Santana, um grupo de intelectuais e memorialistas locais, em 2003, reuniram-se com o intuito de fundar o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana. A reunião de oficialização deste foi presidida pela representante do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Professora Consuelo Pondé de Sena que, na ocasião, compôs e deu posse a sua diretoria, sendo que nesta mesma reunião foi aprovado o estatuto. Vale ressaltar que as primeiras iniciativas nessa empreita tiveram início em 1968 com um grupo de jovens que desejavam escrever as histórias locais. A confraria de 2003 contou com a participação de intelectuais, memorialistas, personalidades da elite local e o apoio tanto da Universidade Estadual de Feira de Santana quanto da câmara de vereadores.

*Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

*Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Professora titular da Universidade do Estado da Bahia.

O principal objetivo da fundação do referido instituto foi realizar “estudos da ciência histórica e geográfica, com metas definidas de preservação da memória dos fatos e fenômenos, especialmente da região feirense, do estado e do país”, registrado no editorial da primeira edição e reforçado no editorial da sétima edição, em 2010, quando afirma que “o Instituto já se propôs a ser o guardião do nosso patrimônio público (...) também é depositário do acervo histórico, geográfico e literário dos escritores feirenses e nacionais, do acervo jornalístico (...)”.

Até o presente momento já foram publicadas nove edições da Revista do IHGFS. Nosso interesse reside apenas na edição de número 1, porque efetivamente marca o propósito das atividades do grupo que busca se afirmar enquanto instituição e definir qual será a contribuição para sociedade feirense. Assim nos interessa diretamente, apenas os textos que se relacionam à história da cidade de Feira de Santana, tendo em vista que a cidade é lida no campo da subjetividade revelando as emoções, os sentimentos presentes nas imagens descritas em palavras por quem escreve sobre sua história demonstrando sua experiência humana pela cidade que vivencia cotidianamente.

Partindo dessa premissa, atentamos à proposta de refletirmos sobre nosso objeto de pesquisa relacionando-o com os processos de entendimento da história pública que está intimamente relacionada aos elementos materiais dispostos, a fim de fazer uma divulgação dos conhecimentos históricos que dotam os indivíduos de significado do seu cotidiano e possibilita acumular experiências utilizadas para a vida. Assim, a história pública colabora e reforça a necessidade de historicizar a presença e a ausência dos elementos que constrói a memória de um povo sem perder de vista o conhecimento sensível, que surge dos sentidos íntimos do indivíduo capazes de refletir as sensações e a subjetividade.

Imagens urbanas nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico

A primeira coletânea do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, publicada em 2004, traz dois artigos a respeito da história da cidade e dez artigos biográficos de personalidades consideradas importantes no cenário político e intelectual de Feira de Santana

ao longo de sua história como, por exemplo, os intendentos Coronéis Bernardino da Silva Bahia e Agostinho Fróes da Motta, os ex-intendentes do município Arnold Ferreira Silva e João Marinho Falcão, bem como os Professores Áureo de Oliveira Filho e Gastão Guimarães que, além de professor de Português na escola Normal Rural de Feira de Santana, também era médico da Santa Casa de Misericórdia. Neste sentido, aparecem as personalidades cujas biografias se confundem com os fatos da história local.

Como exemplo, vale ressaltar que Arnold Ferreira Silva, nascido em Feira de Santana em 1894, foi sócio fundador do Jornal Folha do Norte (periódico centenário que ainda circula na cidade), foi o sétimo intendente do município entre 1924 e 1927, exerceu a função de deputado federal em 1934, voltou ao executivo municipal entre 1959 a 1962. O texto, como não poderia deixar de ser, exalta a capacidade de um autodidata, sem alguma formação escolar, promover obras que incrementassem o desenho urbano e sua modernização. Bernadino Silva Bahia e Agostinho Fróes da Motta revezaram a intendência municipal entre 1912 e 1923, ambos receberam o título de coronel diretamente da Presidência da República. Ressalta-se o caráter pessoal, a vida política e o progresso urbano que o centro urbano alcançou durante suas gestões.

Em relação à história de Feira de Santana, na primeira edição da Revista do IHGFS, foram publicados os artigos “Colonização da Feira e Região” de autoria de Oscar Damião de Almeida e “A tuberculose em Feira de Santana: uma retrospectiva histórica” de Aldo José Morais Silva. O primeiro texto aborda uma história mais abrangente tendo como referência uma narrativa da história total e situa seu objeto nos primórdios da colonização em torno do território de Feira de Santana no qual figuram Garcia D’Ávila e Antônio Guedes de Brito, até à administração dos últimos intendentos no final da década de 1920. Almeida, ao abordar a fundação da fazenda de Santana dos Olhos D’Água a situa próxima à lagoa do Prato Raso e nos descreve a atual situação deste local fazendo um apelo emotivo à sua preservação:

O Norte tem início na “Lagoa do Prato Raso” já moribunda, quase nos estertores de agonia, Caetano Veloso, o nosso cantor baiano, nos ostentou sua canção que diz: é preciso salvar o Subaé, nosso genuíno rio feirense, repleto de dejetos industriais e outras coisas mais. Vou parodiá-lo em pensamento e bradar para Feira toda ouvir, senhores administradores, ainda é tempo de salvar o que resta desta lagoa tão nossa, por partilha de nossa história já tão espoliada! Não seria possível e quanto antes,

salubrizá-la, no restante de água que possui ainda, defendendo o espaço que lhe resta das invasões de ricos e pobres? (ALMEIDA, 2004, p. 35)

O memorialista expõe sua indignação com o modo que os administradores públicos têm tratado os lugares que se configuraram como marcos históricos da cidade, isto é, com a pouca importância que se tem dado à preservação ambiental. A forma de registrar esse sentimento foi por meio da elaboração de um artigo sobre o tema conforme apresentado na citação acima, onde aponta locais que julga importante para a história local e a suposta carência da sua preservação para a memória. Acrescenta a isso, o parágrafo seguinte em relação ao imóvel indicado como primeira fazenda e que se encontrava em estado de abandono. Escreve Almeida (2004, p. 35)

Ao Sul da referida terra ou fazenda Santana dos Olhos D'Água encontramos outra afronta à memória desta terra: O casarão, tão debatido e propalado, nestes últimos tempos, por historiadores, jornalistas e pessoas outras, sem solução à vista, tiritando de frio, neste inverno, providências não aparecem de logo, quiçá no próximo inverno, só tenhamos a sepultura e os dizeres plangentes: aqui jaz o casarão, memória negligenciada por proprietários e admiradores e o povo a se lamentar, lá se foi um legado de nossos ancestrais!

Desta forma, o autor expressa textualmente sua angústia em relação à preservação dos lugares que marcaram a história de Feira de Santana. Estes lugares são mostrados como uma aproximação simbólica acumulada de sentimentos de pertinência do lugar dotado de sensações, afeições com as experiências vividas na coletividade. Para Almeida, aquele lugar serviria como lembrança às futuras gerações como referência do cenário para uma constante visita ao passado. Assim, ele nos descreve uma imagem urbana que carece de compreensão e da preservação das materialidades urbanas, imagem urbana esta considerada como suporte de possibilidade de entendimento do passado.

Portanto, o monumento é visto pelo memorialista como meio de representação da memória que se relaciona diretamente com fatos históricos da cidade, isto é, pode ser entendido como um documento histórico. Contudo, qualquer forma de memória está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Os monumentos são textos, detentores de significados diversos existentes em nossas interpretações, pois são construídos com pedras e, segundo Alberto Manguel (2001, p. 275), “pedras são neutras; pertencem ao lugar onde estão dispostas; tão silenciosamente como se torna um monumento, voltam silenciosamente a ser meras pedras; sua construção mal requer um gesto humano”. Portanto, somos nós, seres humanos, quem atribuímos significados a estas pedras empilhadas ou imagens produzidas, nos emocionamos ou não com elas a partir de nossos referenciais e experiências.

As lembranças trazidas pelos monumentos, além de se constituírem memórias podem ser reconstruídas, simuladas e alteradas a partir das experiências vividas em grupo, permitindo criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, mediante imaginação do que teria acontecido ou, também, pela internalização de representações de uma memória histórica, como afirma Halbwachs (1990). Nesse sentido, Almeida se predispôs a reivindicar a publicação da história daquele lugar para que fosse conservado, restaurado para ampla visitação e rememoração da história local.

Isso, por sua vez, colocaria o monumento em evidência da memória coletiva que, na perspectiva de Halbwachs (1990), toda memória individual é fundamentada a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Desta forma, a origem de várias ideias, as reflexões, os sentimentos, enfim, não são de fato nossas, elas são provenientes do grupo ao qual estamos inseridos, sendo que a memória individual faz parte de uma intuição sensível que estaria na base de toda lembrança. Desse modo, a memória individual é construída a partir das referências e lembranças oriundas do próprio grupo, resultando, por conseguinte, numa memória coletiva.

No entanto, retomando o texto de Almeida, não se tem certeza de que o imóvel indicado por ele tenha sido de fato a residência do casal que fundou a fazenda que deu origem a cidade de Feira de Santana. Ele próprio questiona:

Na verdade não se possui a certeza de que foi aquela casa e todos ficam a se inquerir, teria sido ali a tão provalada casa da fazenda do casal fundador da cidade? Não temos argumentos peremptórios, nem de sim, nem de não. Será que foi o tão provalado rancho ou abrigo de boiadeiros e tropeiros que, por perto dali, transitavam, levando suas mercadorias para os portos de Santo Amaro e Cachoeira a fim de abastecê-los, conduzindo-as até a capital e de lá retornando aos sertões da

Bahia, e de outros estados, com outro tipo de gêneros para vender aos sertanejos? É bem provável. (ALMEIDA, 2004, p. 35)

Essas memórias se forjam e se pautam não apenas na forma de utilização do imóvel e sim na possibilidade de compreensão do passado, pois se apoia no que foi vivido, nas experiências individuais e coletivas trazidas pela rememoração ao se visualizar o monumento presente, vivo, no desenho urbano uma vez que, na compreensão de Almeida, trata-se de uma memória coletiva e diz respeito à sociedade feirense e, por isso mesmo, pensada como um processo de conhecimento público e que pode ser uma forma didática de se educar a população historicamente.

Continuando, Almeida (2004, p. 35) expõe os motivos para que seja preservado o casarão da fazenda dos Olhos D'Água:

É salutar opiniões não convençam ninguém, é salutar recordar que algumas reflexões sisudas ou sensatas nos autorizam a preservar o casarão. Senão vejamos: trata-se de uma construção duas (02) vezes centenária nos brindando com um referencial *arquitetônico e histórico*. Neste memorial, vamos buscar argumentos para sua urgentíssima preservação (...).

Assim, o autor entende que a memória é um campo do saber corresponsável pelo passado que pode ser colocada a serviço da história e da construção de uma identificação com o lugar. Memória e identidade se constituem como a face de uma mesma moeda. De acordo com Halbwachs (1990), a identidade do sujeito é construída a partir da recordação do passado, sem ela não é possível sabermos quem somos. Logo, são as lembranças que constroem as identidades.

O segundo texto publicado na Revista n. 1 do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana “A tuberculose em Feira de Santana: uma retrospectiva histórica”, autoria de Aldo José Morais Silva, trata das epidemias, como a tuberculose que acometeram a cidade de Feira de Santana no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. O foco do autor incide sobre a imagem de terra sã, tão veementemente exaltada pelos poetas e intelectuais locais entre as décadas de 1870 e primeiras do século XX.

Silva (2004) busca contrapor a imagem urbana criada em torno das benesses do clima, tendo em vista que Feira de Santana, naquele período, foi comparada à cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro, em que pese às diferenças climáticas e geográficas entre ambas. Dizia-se que o clima trazia benefícios à saúde atraindo inúmeras pessoas para curar-se de alguma moléstia respiratória. Assim, o autor se propõe a apresentar essa temática pouco discutida pelos estudiosos da história de Feira de Santana que, em sua maioria, trata apenas das personalidades da elite econômica e intelectual e dos grandes feitos em prol da melhoria do desenho urbano.

Após uma descrição do estudo sobre os males endêmicos no Brasil tomando por base as pesquisas de Sidney Challoub sobre o Rio de Janeiro no século XIX, Silva (2004, p. 98) afirma que:

Em Feira de Santana as autoridades parecem ignorar a tuberculose por muito tempo, mas sua história na cidade deve considerar também o fato de que, durante décadas, Feira de Santana foi tida como uma cidade sanatório, a “Petrópolis da Bahia” o que implica dizer que, mais do que simplesmente conviver com um mal temido, a comunidade feirense acreditava estar protegida da doença pelo clima especial de sua terra.

Tendo em vista que as qualidades da terra feirense foram difundidas por outras regiões, o autor acredita que a tuberculose foi ignorada pelo poder público daquela época por uma questão estratégica: sendo Feira de Santana uma cidade de clima saudável, propício à cura de uma moléstia tão grave quanto às doenças respiratórias, atrairia inúmeras pessoas à cidade, o que acabava por gerar maior rentabilidade ao comércio local.

A pesquisa de Silva (2004) foi tema de sua dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia e teve inúmeras fontes documentais, tais como: periódicos e jornais locais, registros eclesiásticos de óbitos, literatura e poemas que tratam da cidade de Feira de Santana, dentre outras. O autor observou que a imagem de terra sã acabou sendo incorporada no hino à Feira, um dos maiores símbolos locais, de autoria da musicista e poeta Georgina Erismann. Nas quatro estrofes do hino à Feira, duas delas fazem menção às qualidades do clima.

Solo I
Bem nascida, entre verdes colinas,
Sob o encanto de um céu azulado...

Ao estranho tu sempre dominas,
Com poder do teu clima sagrado (...)

Solo II
Sorridente como uma criança
Descuidada de sua beleza...
Do futuro és a linda esperança
Terra moça de sã natureza
(SILVA, 2004, p. 100)

O poder dessa imagem urbana, descrita pela força da palavra tanto oral quanto escrita, garantia benesses aos políticos e comerciantes. Encontrava eco na identificação dos cidadãos e na memória construída socialmente, mesmo que evidências da tuberculose estivessem bem presentes nas regiões vizinhas a Feira de Santana. Silva (2004, p. 111) conclui que,

A tuberculose em Feira de Santana mais que um problema de saúde pública, foi um fenômeno social. A expectativa da população sua identidade levou-a a desenvolver um 'olhar diferenciado' sobre a tão temida doença entre os fins do séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XIX. Nesse contexto, negar a presença ou a gravidade da tuberculose equivalia a reconhecer os méritos naturais das terras feirenses, em princípio, mas também a civilidade e as qualidades morais de seu povo, elementos tão ou mais importantes para obstar a doença no município.

Há evidência de uma identificação social com a imagem urbana distante da moléstia, bem como a imagem de uma cidade que preza pelos costumes morais, tendo em vista julgar-se que o contágio da doença se dava por conta de uma vida moral duvidosa. Admitir um surto daquela moléstia em Feira de Santana também poderia equivaler por em cheque a moral do seu povo. Silva (2004) ainda informa que o posicionamento político a respeito da tuberculose em Feira de Santana só aconteceu na década de 1940, partindo de uma política federal.

Enfim, o delinear do texto de Silva (2004) busca reconhecer como se articulou o processo de construção de uma identidade social urbana em Feira de Santana, em torno da ideia de uma cidade de clima especial, saudável e boa para viver cujos objetivos seriam de trazer a revitalização do entusiasmo da população por sua terra.

Considerações finais

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana assumiu como compromisso a proposta de fortalecer a consciência histórica da cidade de Feira de Santana e região e elaborar um mapa representativo da memória local pautada na preservação do patrimônio histórico-cultural e nas memórias do lugar por meio da percepção que estas memórias induzem, seja através da narrativa oral, imagens e representações do espaço vivido, no afã de adaptar o passado de modo a enriquecer e manejar o presente.

Assim, o referido Instituto está empenhado na busca de construir um passado pouco explorado concernente à reconstrução da lembrança, o que para Halbwachs (1990) não seria um acontecimento único ou isolado, mas o tempo de um determinado grupo, pois este garantiria a permanência do presente no passado, configurando o longo tempo. Levando em consideração que os indivíduos desaparecem, mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória cujo suporte está no grupo.

Portanto, por meio dessa transmissão de imagens da cidade no passado, intenta-se recorrer à memória e à história para ampla divulgação das imagens de uma cidade bem diferente da cidade que se configura hoje e, também, que se tenha uma imagem formada e representativa da sociedade que a produziu.

Enfim, nas ideias aqui expostas existe, uma força de diferentes pontos capazes de estruturar nossa memória, inserindo-a na coletividade, no conjunto das manifestações sociais da qual fazemos parte, seja o patrimônio arquitetônico, as datas e personagens históricas, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música.

REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J.; ROVAI, M. G. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALMEIDA, Oscar Damião de. A colonização de Feira e região. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, Ano 1, n. 1 (out. 2004). Feira de Santana, Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, 2004. p. 33 - 42.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, Ano 1, n. 1 (out. 2004). Feira de Santana, Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Aldo José Morais. A tuberculose em Feira de Santana: uma retrospectiva histórica.

In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, Ano 1, n. 1 (out. 2004).

Feira de Santana, Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, 2004. p. 97- 115.